

A FOTOGRAFIA DIGITAL EM AULAS DE ARTES: O EXERCÍCIO DO OLHAR SOBRE O RIO SÃO FRANCISCO.

Danilson OLIVEIRA DE VASCONCELOS (1); José Maximiano Arruda Ximenes de Lima (orientador) (2)

(1) IFCE, Rua Almirante Custódio de Melo, 11 Ap. 302, Country Club, Juazeiro-BA, e-mail: danilsonv@gmail.com¹

(2) IFCE, Rua Nogueira Accioly, 621, Aldeota, Fortaleza-CE, e-mail: max@ifce.edu.br²

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de relatar a experiência docente na área de Artes em uma escola pública. Os recursos tecnológicos da escola que serviu de base para a atuação ainda são utilizados esporadicamente por alguns na instituição escolar, estes também marcaram presença na disciplina pesquisada sob forma de data-show ou vídeo. Tendo em vista a atual pertinência de representações imagéticas que permeiam a cultura de massa através de anúncios que contribuem para a produção de discursos, faz-se necessário um desenvolvimento de outra abordagem procedimental para o ensino da disciplina aqui discutida. A proposta metodológica da *Abordagem Triangular* embasou o processo ensino/aprendizagem direcionado às questões de percepção e criticidade através de aulas que englobam a análise de imagens. Nestas circunstâncias, aproveita-se o interesse em comum dos alunos pela utilização da captação de imagem através de máquinas digitais e celulares com câmera, utilizando-se da fotografia digital como ponto principal para reflexão sobre o ensino/aprendizagem da Arte.

Palavras-chave: Rio São Francisco, fotografia, cultura.

1 INTRODUÇÃO

Atuando como professor de arte em escolas públicas há alguns anos, sempre questionou-se as práticas empregadas nas aulas de artes, pois em todas as turmas que iniciavam na disciplina havia uma forte tendência que apontava para as práticas do desenho de “tema livre” ou de cópias de obras de artes. Esta última torna-se válida se aliada ao uso da leitura de imagens, do contrário a prática do fazer por fazer limita a criação dos alunos a uma possibilidade restrita ao exercício gráfico.

A fim de auxiliar os professores na execução de seus trabalhos com os alunos é que surgiu em 1996, através da reformulação da LDB, os parâmetros curriculares nacionais – PCNs, inserindo desta maneira nas escolas outras configurações para o processo do ensino/aprendizagem em Artes. Assim, esta disciplina escolar se apresentou em experimentações expressivas com o teatro, com a dança, com a música e com as artes plásticas. Na prática, o ensino de Artes às vezes por questões metodológicas ou materiais, faz com que algumas escolas, tradicionalmente, se fixem a duas formas de envolver o aluno na disciplina: teoricamente (História da Arte) ou na prática (trabalho manual).

¹ Pós-graduado Lato sensu em Língua portuguesa e Arte-Educação na Universidade Regional do Cariri-URCA, graduado em Letras - Português e suas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará - UFC e em Artes Plásticas pelo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. Tem pesquisa nas áreas de Letras, Literatura e Artes, com ênfase nas questões de ensino-aprendizagem em Português e Artes. Atualmente estuda e pesquisa a Formação de Professores em Português, a Interdisciplinariedade e as relações entre Literatura e Artes.

² Possui graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1993), mestrado em Computação pela Universidade Estadual do Ceará (2002) e Doutorado em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professor titular do Instituto Federal do Ceará. Tem experiência na área da Arte Tecnológica, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino de Arte, Infogravura, Web Arte, Computação Musical e Informática Educativa.

O problema é que se o ensino se restringe à fundamentação teórica, esta desestimula o interesse dos alunos que verão a disciplina mais como um conteúdo “chato” e se o ensino de artes se restringe só à prática, se corre o risco de ser confundida pelos alunos como uma espécie de “barganha” para alcançar notas, assim descumprindo a devida importância ao processo de criação ou busca estética por um trabalho bem finalizado. Assim, pode-se indagar como deveríamos nos situar dentro do ensino da Arte na escola. O ideal ainda parece ser uma múltipla abordagem ou uma *abordagem triangular*: o fazer artístico (criação), a contextualização (histórica, antropológica, sociológica, etc.), e a leitura da imagem (análise da obra de arte) que foi apresentada e desenvolvida pela arte/educadora Ana Mae Barbosa nos anos de 1980.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A parceria entre a educação e as novas tecnologias.

Sabe-se que durante as últimas décadas a revolução tecnológica vem mudando o cotidiano pelo mundo de forma econômica, social e cultural, graças ao desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Estas abriram, de certa forma, espaços para novos territórios e possibilidades antes nunca imaginadas. Comunicações via satélite, tecnologias como WAP³ (*Wireless Application Protocol*) e GPRS⁴ (*General Packet Radio Service*), tornaram a distância menor e o mundo mais acessível para as pessoas.

Anne Gilleran⁵ relata que nas escolas europeias, “[...] a integração das TIC ao ensino e às atividades de aprendizagem foram sendo lentamente formuladas, ao longo do tempo, pelo gravador e laboratórios de ensino de idiomas até o uso da tv e do vídeo em todas as disciplinas” (GILLERAN apud SANCHO; HERNÁNDEZ, 2006, p. 87). Unindo tudo isso ao uso crescente da internet, pode-se constatar que o manuseio das novas tecnologias é um meio de fortalecer a aprendizagem pessoal, na qual os estudantes podem unir o envolvimento na construção do seu conhecimento com a aprendizagem através da manipulação dos meios tecnológicos.

2.2 A Abordagem triangular.

O título da abordagem para o Ensino da Arte aqui intitulada como Triangular foi a princípio denominada Metodologia Triangular do Ensino da Arte, sendo posteriormente modificada para Abordagem ou Proposta Triangular por sua idealizadora, a professora Ana Mae Barbosa, no final dos anos 1980. A proposta foi produzida a partir dos estudos de três outras abordagens epistemológicas: as *Escuelas al Aire Libre* (México); o *Critical Studies* (Inglaterra); e o *Discipline Based Art Education - DBAE* (Estados Unidos). Sua proposta era que a composição do programa do ensino de arte fosse elaborada com base em três ações básicas que relacionamos à arte: fazer arte, contextualizar (“A contextualização pode ser uma mediação entre a percepção, história, política, identidade, experiência e tecnologia” (BARBOSA, 1998, p. 43)) e ler obras de arte. Relacionando-se as três ações básicas e suas áreas de conhecimento é possível estruturar de forma combinatória seis sequências de possibilidades.

A utilização da leitura de imagem proposta aqui se deu como uso no desenvolvimento da crítica estética dos alunos através de análise de todo tipo de suporte imagético (anúncios publicitários, fotos artísticas, capas de revistas, propagandas de televisão etc.), alguns desses meios são usados diariamente por uma cultura de massa a fim de atrair novos consumidores cada vez mais jovens. Pela necessidade de se compreender o papel da imagem, também como instrumento de consumo,

3 WAP é um padrão internacional para aplicações que utilizam comunicações de dados digitais sem fio (Internet móvel), como, por exemplo, o acesso à internet a partir de um telefone móvel.

4 O GPRS permite uma funcionalidade completa no que se refere à Internet Móvel por disponibilizar interoperabilidade entre a internet existente e as novas redes GPRS.

5 Anne Gilleran é especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na prática e na educação. Coordenou o Centro de Gestores Escolares (*School Manager Centre*) na Rede de Escolas Europeias. Ela também foi colaboradora na obra **Tecnologias para transformar a Educação**.

tornou-se de fundamental importância a geração de discussões em torno da mesma. Assim, gerou-se nas aulas exercícios de análises das obras eternizadas pelo artista e visionário Henri Cartier-Bresson através da captação fotográfica. Em consequência dos diálogos ocorridos em sala, terminou-se por fomentar uma proposta para a captação fotográfica dos elementos históricos, culturais e sociais que envolviam o rio São Francisco.

2.3 A cultura

O termo “cultura” é repleto de variedades que podem transitar desde as ideias de meios de comunicação como o cinema e a televisão (cultura de massa) até as de meios de expressão como o teatro e a pintura (cultura artística). Portanto, a fim de se evitar que o termo cultura, aqui citado, se torne incoerente com a pesquisa, faz-se necessário restringi-lo ao sentido das manifestações populares e do seu patrimônio folclórico: as produções artísticas, as cerimônias, as lendas e crenças.

Através dos tempos, incutiu-se nas pessoas que a cultura do popular em oposição à hegemonia da cultura de elite estivesse associada à ideia de subalternidade ou de inferioridade que sempre foi reforçada por dicotomias antagônicas como: arte versus artesanato, moderno versus tradicional e culto versus popular:

O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos. (CANCLINI, 2006, p. 205)

Ainda segundo o autor, as produções do popular manteriam formas próprias graças à sobrevivência de locais pré-industriais (oficinas artesanais) e recursos de recriações locais (músicas regionais, entretenimentos suburbanos), mas se por um lado a cultura do popular parece ocupar o lugar de espectador na pós-modernidade, por outro a mesma representa como protagonista na crônica social dos povos através dos objetos de arte. Segundo Aguilar (2000, p.71) “A obra de arte popular constitui um tipo de linguagem por meio da qual o homem do povo expressa sua luta pela sobrevivência. Cada objeto é um momento de vida. Ele manifesta o testemunho de algum acontecimento, a denúncia de alguma injustiça”.

2.3.1 A cultura do rio São Francisco

A utilização da carranca destacou-se como fruto das superstições ribeirinhas, pois eram colocadas na proa dos barcos e na frente de algumas casas para afugentar os espíritos maus que pudessem se aproximar das pessoas. Com o tempo, o simbolismo destas peças de madeira passaram a incorporar um significado mais decorativo.

Em suas andanças pelo rio São Francisco, a ceramista Ana Leopoldina Santos Silva, conhecida como Ana das Carrancas, sentiu uma forte inspiração ao ver as carrancas multicoloridas dos barcos que aportavam às margens do rio. Ainda no rio, resolveu fazer sua primeira carranca pequenina “para ver no que dava”. Quando terminou, levou-a para casa, onde todos da família aprovaram a ideia.

No início, começou a confeccionar primeiramente o barco completo, com toldo, leme e, na proa, a carranca. Depois passou a esculpir só as carrancas em variados tamanhos. O trabalho teve aceitação do público e, logo, Ana das Carrancas virou nome famoso, consagrando-se na cultura popular de Pernambuco, pois o olhar do artista erudito ou popular termina por deslumbrar o mundo através do objeto artístico.

3 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

O presente estudo pretende focar a prática do ensino de arte através de abordagens tecnológicas, ou

melhor, através de suportes disponibilizados pela tecnologia contemporânea como celulares que fotografam e máquinas fotográficas digitais. Através desta experiência, procurou-se estimular o conhecimento dos alunos através da fotografia:

É certo que quando todo educando participa de uma atividade artística, está assimilando conhecimentos, muitas vezes sem perceber. O mais importante, porém, é constatar que a arte está presente na vida de todo ser humano, até mesmo nos que se consideram inaptos para o fazer artístico. (FERREIRA, 2008, p. 31)

Após o término dos trabalhos de campo fez-se uma seleção coletiva de algumas fotos, para dividi-las em duas categorias: fotos coloridas e fotos em preto e branco, estas últimas inspiradas nas cenas fotografadas por Henri Cartier-Bresson. Já que o *blog* é um recurso interativo muito utilizado pelos jovens para a divulgação de assuntos e fotografias, a última etapa da atividade foi o desenvolvimento de uma exposição virtual em uma página deste tipo de suporte.

O objetivo geral deste trabalho é relatar a experiência docente na prática do Ensino de Artes através de suportes tecnológicos como a fotografia digital e sua disponibilização virtual, tendo por embasamento prático-metodológico a *Abordagem Triangular*.

O objetivo específico é favorecer os alunos com a educação do olhar através da prática fotográfica e da análise crítica de imagens. Nesse sentido, a fotografia daria aos alunos suporte para desenvolverem outra visão sobre o meio que vivem, pois o “ver”, nesse caso, sairia do âmbito físico para alcançar a percepção simbólica:

[...] o ver não diz respeito somente à questão física de um objeto ser focalizado pelo olho, o ver em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado. (ZAMBONI apud BARBOSA, 2003, p. 73)

A justificativa para a pesquisa está na necessidade de se levantar questões relacionadas à pouca atuação da fotografia no ensino da arte em algumas escolas públicas.

O início do percurso começa com a percepção do uso de celulares e máquinas digitais como aliados para as práticas da fotografia artística. O desenvolvimento das aulas foi embasado também na discussão sobre a sensibilidade do olhar de Henri Cartier-Bresson, e de suas imagens que nos serviram para as questões levantadas pelos alunos como: O que ou a quem olhar? O que deve ser bonito para fotografar? Estas e outras perguntas que surgiram ainda em sala serviram no processo da construção da aprendizagem dos alunos que sem perceberem já estariam aprendendo a “analisarem suas escolhas” durante o ato cognitivo.

Para ajudar os alunos no processo fotográfico, foram propostas três temáticas que dariam suporte para a realização dos trabalhos: figura humana, paisagem e objeto.

A etapa final da proposta foi a seleção das fotos, o processo de descolorização⁶ digital de algumas através do uso de um programa do Windows Vista e a formulação de uma exposição virtual em uma página de *blog*.

4 METODOLOGIA

4.1 Primeiros passos no caminho da tecnologia.

Os primeiros contatos com o objeto aqui estudado (a fotografia e seu uso nas aulas de arte) surgiram através de Flávia Pedrosa em uma atuação conjunta como professora de artes na Escola de Artes Casulo, localizada na cidade de Palmácia-CE. Dentro de uma periodicidade, eram formuladas oficinas destinadas à exposição das produções dos alunos e a Profa. Flávia havia desenvolvido uma oficina que relacionava o uso da fotografia e da Internet (PEDROSA, 2009).

⁶ Na pasta de imagens do programa do Windows, podemos converter fotos coloridas para preto e branco, basta clicar na opção “corrigir”, localizada na barra de tarefas. Através da função “ajustar cor” controla-se a temperatura da cor, tonalidade e saturação.

Em 2009, já estabelecido na cidade de Juazeiro-BA, iniciou-se uma nova empreitada profissional em uma escola pública de Petrolina-PE, onde formularam-se aulas com base nos PCNs. As primeiras aulas foram restritas à teoria até o momento em que se notou a interferência por parte de alguns alunos na utilização de celulares durante as aulas. Os mesmos trocavam mensagens constantemente e a princípio não foram encarados como incômodos à aula de arte que deveria estar sendo enquadrada por eles como uma “aula banal”.

Andando pelos corredores da escola pode-se perceber que o uso do celular e da máquina fotográfica era mais frequente do que se podia imaginar. O que era natural para uma geração que interagiu através do Orkut, do SMS, do Twitter, do blog etc. Partindo dessa realidade, decidiu-se usar a tecnologia em favor da disciplina, sendo proposto aos alunos do 6º, 7º e 8º ano o uso de máquinas fotográficas e celulares, com a mesma função, para a prática das aulas de artes.

Para evitar que a proposta da aula se desviasse do objetivo, foi pedido aos alunos para seguirem três diretrizes básicas para as fotografias: figura humana, paisagem e objeto, lembrando que deveriam experimentar outros ângulos para suas fotos mesmo que parecessem estranhas para outras pessoas. Desta maneira, perderiam o medo de qualquer crítica, pois o primeiro momento estava reservado à experimentação. Assim, as atividades com a captação de imagens tinham como objetivos:

1. Desinibir toda ou qualquer descrença no ato criador.
2. Desenvolver a sensibilização para as questões sociais e culturais que pudessem envolver o rio São Francisco.
3. Fomentar o interesse para a leitura visual, para produção artística e para a crítica.

Durante o processo, percebeu-se que o primeiro obstáculo que retardaria o desenvolvimento da proposta estava relacionado ao tempo, pois a carga horária disponibilizada para a disciplina se limitava ao tempo de 45 minutos por aula. O que era muito pouco para se trabalhar com os aspectos criativos dos alunos, pois dificilmente a escola favoreceria o tempo equivalente a duas aulas de artes como ocorre com outras disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História etc. Estando o tempo limitado, foi instruído aos alunos a prática da fotografia dentro do perímetro da escola. Outro problema que se teve de enfrentar durante a experiência foi a falta de máquinas e celulares suficientes para todos os alunos, mas isso foi rapidamente contornado com a divisão do trabalho em equipes.

O esquema funcionava da seguinte maneira: cada grupo ficava com um aparelho (máquina ou celular), enquanto um dos componentes fotografava outros utilizavam uma pequena chapa de papelão, vazado ao centro por um quadrado que media 4x6 cm. Com este artifício improvisou-se um visor para que se fizesse o enquadramento do objeto escolhido, assim os alunos faziam os enquadramentos ou os cortes que achassem necessários. Após esse procedimento com o papelão, o aluno deveria se fixar no local até que o outro componente lhe passasse o aparelho. Desta maneira não se corria o risco de perder o foco do objeto.

5 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.

5.1 Alfabetizando com as imagens

Todas as fotos foram colocadas em um arquivo de computador para que se pudesse projetá-las na sala de aula na semana seguinte. Foram reunidas informações e obras fotográficas de Henri Cartier-Bresson, pois elas poderiam despertar nos alunos algum interesse. As fotos desse mestre não continham apenas flagrantes da vida, mas narrações imagéticas. E Bresson, com suas fotos, foi um bom narrador de sua época. Um exemplo disso está na foto intitulada *Au bord de la Marne* (ver figura 2) que revela um momento de lazer entre dois casais que fazem um piquenique à beira do rio Marne enquanto esperam fisgar alguns peixes.



Figura 2 – *Au bord de la Marne*, 1938 -Henri Cartier-Bresson

A primeira ideia que vem à cabeça quando se olha para a cena é a tranquilidade presente na vida dessas pessoas, pois nenhuma delas parece estar preocupada com algo. Mas a imagem bressoniana expõe uma dimensão dualista que por um lado narra um fato corriqueiro e calmo da cultura europeia do passado, ao mesmo tempo que se contrapõe ao cotidiano fugaz do mundo contemporâneo ao qual vive-se no presente. Como relata Bakhtin (1986, p. 5), “[...] o autor é prisioneiro de sua época, de sua contemporaneidade, as épocas posteriores o liberam dessa prisão”, uma obra póstuma vai se enriquecendo de significados (BAKHTIN apud MACHADO, 2003, p. 198). Assim, talvez a leitura da imagem para Bresson tenha se encerrado naquele momento, mas ainda continuava se transfigurando em outros olhares.

Analisando o aspecto simbólico da foto *Au bord de la Marne* pela ótica atual dos acontecimentos, entende-se que a cena nos leva a uma época em que o ser humano aproveitava melhor a vida, ou ao princípio do *Carpe diem*⁷ citado por Horácio: melhor aproveitar a vida, pois o tempo é fugaz e todos nós estamos condenados a um fim existencial. Essa foi uma das leituras debatida sobre as fotos de Bresson durante as aulas com os alunos. Propôs-se a todas as turmas que vinculassem uma conexão com as próximas fotos entre o Rio São Francisco e as relações culturais mantidas com os povos baianos e pernambucanos.

A pesquisadora Ana Mae Barbosa relata que a construção do conhecimento em arte acontece quando há o cruzamento entre a experimentação, a codificação e a informação. A discussão será iniciada através da associação das três questões que envolveram a aprendizagem dos alunos.

Sabe-se que há, entre os alunos, a visão de que podem estar propícios à sensibilidade para a arte e os que acreditam não ter essa qualidade. O fato é que, independentemente desta ou daquela condição, todos têm a capacidade de perceberem e modificarem algo em seu mundo cognitivo e isto ocorre com a primeira questão da aprendizagem: *a experimentação*.

Na experimentação com a imagem também se pode fomentar algo através da sua leitura. Lembremos de que Zamboni nos fala que o “ver” não diz respeito somente à questão física, mas antes de tudo ao perceber do objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado. Assim, perceber um rio e suas facetas é um convite à experimentação, sobretudo um convite à percepção do sistema simbólico, do meio social em que se está inserido. Na maioria das fotos, nota-se a presença de um elemento em comum: a água, mas cada aluno teve seu modo de ler os códigos ou informações apresentadas pelo rio São Francisco, correspondendo assim ao segundo ponto da aprendizagem: *a codificação*. As informações repassadas pelas fotos revelaram o ponto de vista que cada aluno promoveu no trabalho de observação de onde vive. O diálogo desenvolvido entre os fotógrafos e o objeto fotografado corresponde à terceira questão da aprendizagem, a *informação*, disposta em cada fotografia.

⁷ Filosofia defendida pelo poeta romano Horácio em sua obra Odes (I, 11.8). A ideia da palavra pode gerar vários sentidos como: “Colha o dia” ou “Colha o dia como se fosse um fruto maduro que amanhã estará podre” ou “Aproveite a vida e não fique apenas pensando no futuro”.

A imagem do rio surge como coadjuvante já que na relação homem e rio, o segundo sirva apenas de “pano de fundo” para que o primeiro se destaque como figura central do local (ver figuras 3).



Figura 3 – Proposta figura humana: Cena da vida ribeirinha - PE.

A foto produzida para a proposta paisagem foi feita em uma vitivinícola do município de Lagoa Grande (ver figura 4). Segundo a leitura feita pelo aluno, a foto tem como princípio a ideia de que as águas do São Francisco são geradoras de vida e produtoras de recursos econômicos.



Figura 4 – Proposta paisagem: uvas de Lagoa Grande - PE.

A outra proposta tem como representação dois símbolos do São Francisco: as canoas que marcaram grande presença na história das embarcações (ver figura 5) e a ponte Presidente Dutra (ver figura 6), construída nos anos de 1950. Este ícone da união entre petrolinenses e juazeirenses foi marco de uma época em que navegavam grandes embarcações pelas águas do Velho Chico.

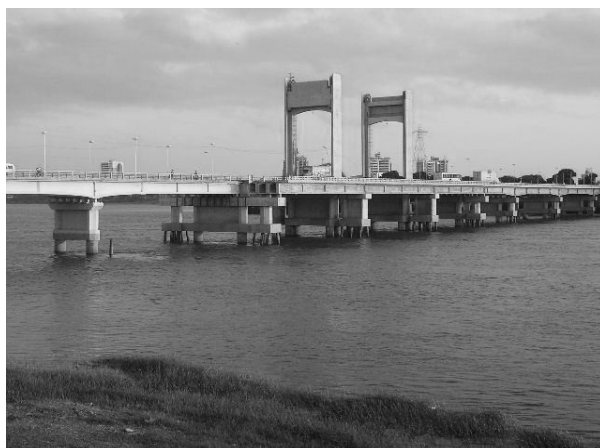


Figura 6 – Proposta objeto: Ponte Presidente Dutra, ícone de Juazeiro – BA.

Pretendeu-se nesta pesquisa trazer questões para maiores reflexões em trabalhos futuros que envolvessem o uso de recursos tecnológicos (fotográficos) na área do Ensino em Artes Visuais. A utilização da mídia fotográfica na abordagem educativa deve ser vista como mais uma possibilidade atual, pois não se pode negar que os altos índices de casos de uso de celulares durante as aulas demonstram a preferência dos alunos pela interação com o uso tecnológico. O que reforça a necessidade de uma nova metodologia para as aulas que ainda se restringem ao uso tradicional do quadro negro.

O trabalho desenvolvido pelos alunos sobre o rio São Francisco revelou-se de forma positiva como prática, sendo válida para as aulas de artes já que os alunos souberam explorar a fotografia dentro das três propostas temáticas. Fica então demonstrado que o uso deste tipo de recurso tecnológico pode e deve ser mais utilizado dentro de propostas para as aulas de artes.

Embora o tempo fixo de 45 minutos na carga horária das aulas tenha acarretado várias “quebras” de raciocínio durante as semanas que antecederam o trabalho em campo, destaca-se que a prática fotográfica foi bem sucedida dentro do ensino de Artes tanto na leitura de imagens quanto na produção das mesmas.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Nelson (Org.). Mostra do redescobrimento: arte popular. In: BEUQUE, Jacques Van de. **Arte popular brasileira**. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes visuais, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Com/Arte, 1998.

_____. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

_____. (Org.) **Ensino da arte: memória e história**. – São Paulo: Perspectiva, 2008.

CANCLINI, Nestor García, **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. – 4. Ed. – São Paulo: Edusp, 2006.

FERREIRA, Aurora. **Arte, tecnologia e educação: as relações com a criatividade**. São Paulo: Annablume, 2008.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas**. – São Paulo: EDUSP, 1993.

PEDROSA, Flavia Maria de Brito. **A fotografia e a internet: o uso das mídias eletrônicas no ensino de artes visuais**, 2009. Disponível em:

<<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/a-fotografia-e-a-internet-o-uso-das-midias-eletronicas-no-ensino-de-artes-visuais-794727.html>>. Acesso em: 25 ago 2010.

SANCHO, Juana Maria; HERNÁNDEZ, Fernando. **Tecnologias para transformar a educação**. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006.